

**FACULDADE DE DIREITO DE VITÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM DIREITO**

CAROLINA COUTINHO MOULIN

“SUAS FOTOS ESTÃO BOMBANDO NO WHATSAPP”: UM
ESTUDO DE CASO DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM
MEIO DIGITAL

VITÓRIA
2018

CAROLINA COUTINHO MOULIN

“SUAS FOTOS ESTÃO BOMBANDO NO WHATSAPP”: UM
ESTUDO DE CASO DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM
MEIO DIGITAL

Monografia apresentada ao curso de Direito da
Faculdade de Direito de Vitória – FDV, como
requisito parcial para a obtenção do título de
bacharel em Direito.

Professor orientador: André Filipe P. Reid dos
Santos.

VITÓRIA

2018

CAROLINA COUTINHO MOULIN

“SUAS FOTOS ESTÃO BOMBANDO NO WHATSAPP”: UM
ESTUDO DE CASO DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM
MEIO DIGITAL

Monografia apresentada ao curso de Direito da Faculdade de Direito de Vitória – FDV,
como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Direito.

Aprovada em ____ de _____ de 2018

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. André Filipe P. Reid dos Santos
Faculdade de Direito de Vitória
Orientador

Professor(a):
Faculdade de Direito de Vitória
Examinador(a)

RESUMO

A presente pesquisa busca trazer um novo olhar sobre a realidade que nos rodeia e que já não pode mais ser dissociada da complexidade e dos perigos que envolvem os avanços das ferramentas tecnológicas comunicacionais. O abuso digital possui contornos próprios devido a utilização de tecnologias e campos virtuais, tornando-o uma forma de agressão peculiar, uma vez que, nestes casos, o controle de tempo, espaço e espectadores torna-se quase inexistente. Não se pode negar que a violência física, moral, sexual, psicológica, fere frontalmente direitos de personalidade e direitos fundamentais salvaguardados pela Constituição pátria aos indivíduos, como os direitos à intimidade, à privacidade, à liberdade, a honra e a imagem, a saúde física e psicológica e também a dignidade da pessoa humana. Assim, é necessário compreender de que forma os avanços das ferramentas comunicacionais influenciou na transformação das relações entre os indivíduos e destes para com o mundo interno e externo, englobando a circulação de bens, serviços, informações e imagens. Para isso, primeiramente, o estudo abordará as transformações que sofreram as relações sociais, evidenciando o avanço e a prevalência da sociedade de consumo no mundo moderno. Isto posto, passa-se a análise do modo como os avanços tecnológicos impactaram as interações sociais, estabelecidas física e virtualmente entre os pares, e a forma como estes, por meio de sua constante utilização, permitiram o processo de incremento dessas novas ferramentas tecnológicas em seu cotidiano. Finalmente, realizar-se-á a análise de um caso concreto, veiculado por diferentes sites de notícias, de modo a demonstrar uma das formas pelas quais o uso das redes informacionais, a despeito de trazer conforto e comodidade, pode impactar negativamente na vida de seus usuários, precipuamente às mulheres.

Palavras-chaves: Abuso digital. Direitos fundamentais. Sociedade de consumo. Avanços tecnológicos. Violência contra a mulher.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
1 AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E O SURGIMENTO DA “SOCIEDADE DE CONSUMO”	07
2 OS AVANÇOS TECNOLÓGICOS E O SEU IMPACTO NA SOCIEDADE.....	14
3 A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO MEIO DIGITAL: ANÁLISE DE CASO CONCRETO.....	21
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

O tema da violência contra a mulher há muito não era tão abordado e problematizado nos espaços sociais como tem sido atualmente. Ainda que muito já tenha se avançado para um tratamento igualitário entre a figura masculina e a feminina, a sexualidade da mulher ainda é alvo dos mais variados tipos de repressão.

Outrossim, é preciso levar em conta que na contemporaneidade vivemos em um mundo globalizado de “hiperinformação”. Hoje, dados, arquivos, fatos e imagens podem ser facilmente divulgados e transmitidos para milhares de localidades do mundo todo, o que facilitou a comunicação e ampliou o acesso à informação e à interação entre as pessoas.

Por outro lado, essa fácil e ampla disseminação pode potencializar os riscos a serem enfrentados. Isso porque as postagens e os compartilhamentos muitas vezes não passam por nenhum tipo de vistoria ou controle, seja porque seus usuários não denunciam a veiculação de imagens constrangedoras e abusivas, seja pelos próprios sites que não conseguem identificar se o conteúdo exposto é ou não uma forma de violência.

Deste modo, vê-se um grande potencial para a ocorrência de graves consequências, principalmente às mulheres inseridas no contexto do abuso digital, que pelos inúmeros julgamentos, estereótipos e preconceitos que se veem obrigadas a enfrentar, acabam sendo capazes, inclusive, de retirarem a sua própria vida.

Além disso, não se pode negar que a violência física, moral, sexual, psicológica, fere frontalmente direitos de personalidade e direitos fundamentais salvaguardados pela Constituição pátria aos indivíduos, como os direitos à intimidade, à privacidade, à liberdade, a honra e a imagem, a saúde física e psicológica e também a dignidade da pessoa humana.

Importante acrescentar, ainda, que o abuso digital, que possui como algumas de suas manifestações o cyberbullying e a pornografia de vingança, tem contornos próprios

devido a utilização de tecnologias e campos virtuais, tornando-o uma forma de agressão peculiar, já que, nestes casos, o controle de tempo, espaço e espectadores torna-se quase inexistente.

Busca-se, portanto, trazer um novo olhar sobre a realidade que nos rodeia e que já não pode mais ser dissociada da complexidade e dos perigos que envolvem as ferramentas tecnológicas comunicacionais. Assim, por meio da melhor compreensão sobre as transformações sociais pela utilização e avanço da tecnologia, é possível colocar-se atento as possíveis situações de risco.

Assim, é necessário compreender de que forma os avanços das ferramentas comunicacionais influenciaram na transformação das relações entre os indivíduos e destes para com o mundo interno e externo, englobando a circulação de bens, serviços, informações e imagens.

Diante dessas considerações, o estudo se desenvolverá, no primeiro capítulo, com uma abordagem acerca das transformações ocorridas nas relações sociais ao longo dos anos, evidenciando o avanço e a prevalência da sociedade de consumo no mundo moderno.

O segundo capítulo trata a respeito de como os avanços tecnológicos impactaram as interações sociais, estabelecidas física e virtualmente entre os pares, e a forma como estes, por meio de sua constante utilização, permitiram o processo de incremento dessas novas ferramentas tecnológicas em seu cotidiano.

Por fim, no terceiro e último capítulo realizar-se-á a análise de um caso concreto de grande repercussão, veiculado por diferentes sites de notícias, de modo a demonstrar uma das formas pelas quais o uso das redes informacionais, a despeito de trazer conforto e comodidade, pode impactar negativamente na vida de seus usuários, precipuamente às mulheres.

1 AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E O SURGIMENTO DA “SOCIEDADE DE CONSUMO”

As sociedades e os indivíduos que nela se inserem são grandemente influenciados pelos fatores sociais, estes compreendidos dentro de um determinado meio social, em uma dada cultura e em certo tempo. Neste sentido, os ensinamentos da estudiosa autora Maria João Cunha (2014, p. 12), corrobora com este mesmo entendimento. Para ela, a forma como os indivíduos se auto identificam, isto é, criam a imagem que tem de si, é desenvolvida, principalmente, por intermédio dos fatores sociais.

A autora cita, a título de exemplo, pessoas que possuem, pelo desempenho de determinado papel na sociedade, grande capacidade de influência, tornando-se ídolos e referências de opinião e de comportamento. A partir disso, ao apresentarem um suposto ideal a ser alcançado, as atitudes, a confiança em si e a autoestima dos sujeitos são impactadas (CUNHA, 2014, p. 12).

Tais comparações à padrões sociais desejáveis (e dominantes), porém, são veiculados, majoritariamente, pelos – poderosos – meios de comunicação de massa (CUNHA, 2014). Nesta perspectiva, Baudrillard (2017, p. 13), em meados de 1970, já mostrara que os homens não são mais cercados por outros homens, como sempre ocorreu, mas, na verdade, são completamente mediados, e como ver-se-á mais adiante, dominados por objetos.

Assim, o homem, ainda que considerado o produtor e o criador dos próprios instrumentos postos à sua “disposição”, mecanicamente é submetido a eles. Não há liberdade no consumo em um contexto no qual os indivíduos são inconscientemente coagidos a consumir, pela imposição de um sistema de valores e de uma estrutura social (BAUDRILLARD, 2017, p. 14).

Ainda, Cunha (2014, p. 18 e 19) faz referência ao autor Shilling para explicar alguns dos motivos pelos quais a chamada “Sociologia corporalizada” ganhou espaço. Um dos motivos elucidados foram as mudanças ocorridas nas organizações sociais capitalistas desenvolvidas, pois com a expansão das indústrias do divertimento e do

consumo, àqueles que consumiam tornaram-se tão relevantes quanto àqueles que produziam.

Ademais, após a II Guerra Mundial, o corpo passou a ter uma percepção flexível, e especialmente no terreno ocidental, o corpo tornou-se uma carcaça a ser modelada, ajustada, como um meio que permite a formação da auto identidade de cada sujeito. Essa realidade é percebida, por exemplo, quando se realiza uma dieta, de modo que esta se relaciona com a constituição da identidade na medida em que é por intermédio do corpo que passamos a nos reconhecer enquanto seres humanos pertencentes a determinada sociedade e círculo social (CUNHA, 2014, p. 19).

Por conseguinte, outra razão para a inserção e o crescimento desse novo estudo da Sociologia, deve-se às diferentes formas pelas quais as pessoas se associam à sua própria estrutura física, aos seus contornos.

Nas sábias palavras de Cunha,

[...] nas sociedades ocidentais existe um isolamento do corpo, numa trama social onde o homem é separado de si próprio, dos outros e da natureza – esta é uma consequência do individualismo que se desenvolve a partir do capitalismo e do consumo. (CUNHA, 2014, p. 64).

Diante deste quadro, notório é a importância do papel que os meios de comunicação possuem na influência das ações dos indivíduos, especialmente os meios conhecidos como *mass media*: meios de comunicação de massa veiculados com o propósito de atingir milhares de pessoas e que propagam determinado ideal de consumo e beleza, conforme os padrões de uma determinada sociedade, construídos em certo contexto histórico.

Essa difusão de padrões sociais, de ideais de consumo e de beleza da classe dominante, com objetos requintados que simbolizam poder e prestígio, ocorre fortemente pelo fato de que as temáticas abrangidas pela mídia são financiadas, muitas vezes, pelas grandes empresas que detém grande poder e acúmulo de capital, projetando a prevalência de seus interesses (CUNHA, 2017).

É a partir dessa realidade que a sociedade do espetáculo se instaura, como bem descreve Guy Debord. O autor explica que o espetáculo é exatamente aquilo que o capitalismo pretende (e consegue) promover por meio da espetacularização da vida, utilizando-se, para isso, da suposta realidade emanada pelas imagens e que cercam os indivíduos a todo o tempo (DEBORD, 2017).

A feminista Naomi Wolf (2002), afirma a ideia de que as “doenças modernas femininas”, mais precisamente os transtornos alimentares que afligem especialmente mulheres, e também a carência de autoestima, são causadas, justamente, pelos meios de comunicação de massa, que propagam por meio da televisão, de filmes e propagandas espalhadas por todo o lugar a personificação de modelos tidos como referência, símbolos da beleza e dos padrões sociais.

Para Wolf (2002), a veiculação destes imaginários de beleza ideal é, para além, uma forma de monetarização da beleza, isto é, o objetivo é garantir o lucro. Por outro lado, isso reproduz-se nas mulheres negativamente, uma vez que as impede de adquirirem segurança e confiança em suas capacidades.

Vê-se, assim, que a beleza passa a ter o papel de valor normativo estruturado e com conteúdo cuidadosamente definido pela própria sociedade – patriarcal – que a reproduz, como forma de propagação e continuidade de sua dominação.

Para mais, Foucault (2009) aponta que o corpo é instrumento de comando, gerado para ser regido. Para ele, não é unicamente a biologia que estabelece as competências pessoais, pois entende que o corpo é sempre contextualizado historicamente e pode ser considerado como objeto adaptável às transformações de comando e às informações que uma sociedade possui. “Assim, o corpo biológico torna-se uma mera representação do social” (CUNHA, 2014, p. 34).

Neste cenário, Debord (2017, p. 47) expressa que “A origem do espetáculo é a perda da unidade do mundo” e isso se deve ao fato de que o espetáculo é uma engrenagem que tem em si a sua própria finalidade. A existência tornou-se abstrata, de modo que cada pessoa busca repetidamente, e inconscientemente, a sua satisfação na representação das “imagens-objetos” divulgadas.

Deve-se levar em conta ainda a análise de Baudrillard (2017), que parte do entendimento de que vivemos em uma hiper-realidade, isto é, uma realidade fabricada, na qual os costumes de massa forjam a percepção de uma veracidade que se estabelece pelo virtual.

Destarte, pelos indivíduos estarem sempre à procura de atingir a realização pessoal com base nos ideais propagados pelas mídias, pode-se gerar uma busca pelo inalcançável, algo que sempre se está a procura e que nunca é atingido integralmente. Isso ocorre fortemente devido ao fato de que o consumo não gira mais em torno apenas daquilo que é necessário à subsistência, mas especialmente em torno do que é supérfluo, apenas atraente (CUNHA, 2014, p. 62).

Assim sendo, forma-se um ciclo interminável de ações movidas por desejos e contentamentos que fogem ao controle da vontade própria do homem. Nas palavras de Debord, “Cada mercadoria específica luta por si mesma, não pode reconhecer as outras, pretende impor-se em toda parte como se fosse a única” (2017, p. 68).

Nesse sentido, a ideia que temos hoje de sociedade de consumo possui cunho econômico e se desenvolveu a partir do século XVIII, quando surgiu a proposta de propagação do luxo, juntamente a propostas de fabricação e consumo. Por conseguinte, é a partir do crescimento das indústrias, que fez surgir o excedente da produção e a busca incessante por pertences e riquezas, que o raciocínio do consumo ganha força e forma (CUNHA, 2014, p. 61 e 62).

Posteriormente, como outrora abordado, os meios de comunicação de massa passaram a também fazer parte dessa sociedade de consumo, incentivando o consumo por meio da difusão de suas próprias informações anunciadas em abundância (CUNHA, 2014, p. 61 e 62). Neste ponto, Jean Baudrillard (2017) também demonstra que vivemos em um momento em que o consumo compreende toda a nossa existência.

Segundo Baudrillard (2017, p. 49 e 50), a sociedade moderna é movida pela busca da felicidade, intermediada pelos símbolos, e estes materializados em objetos de consumo que se apresentam como troféus, objetos palpáveis, signos da felicidade e

do bem-estar que, quanto mais distantes parecerem estar do alcance do comprador, mais desejo de conquistá-lo terão aqueles que não o tem, e mais prestígio terão aqueles que o detém.

Por esta ótica, os objetos são adquiridos pelas pessoas com base naquilo que representam em determinado contexto, e não propriamente pela utilidade que possuem. Assim, a lógica do consumo se utiliza do manejo dos códigos de linguagem para que, por meio do consumo de determinado objeto, seja exteriorizado a aparência de certo status social, de modo que aquele que o possui enquadra-se na classe social dominante, enquanto o que não o possui é inserido em uma classe inferior, contribuindo para o sistema de segregação social.

Além disso, é possível encontrar uma análise de Baudrillard (2017) que dialoga com o consumo fundamentado no corpo e também na sexualidade, principalmente a feminina, apoderada estrategicamente e especialmente pela televisão e revista. O corpo tornou-se a constituição de uma cultura, isto é, a idealização do corpo conquista determinada ideologia e representação a partir de onde é inserido.

Dessa forma, o corpo se apresenta como um binômio: é capital e ao mesmo tempo um objeto de consumo. Nas sociedades capitalistas, a popularização para a aceitação do culto a si mesmo, dando lugar ao narcisismo desenfreado, segue também uma lógica econômica a partir da ideia da “redescoberta do corpo” (BAUDRILLARD, 2017, p. 169). Para Baudrillard “administra-se e regula-se o corpo como patrimônio; manipula-se como um dos múltiplos *significantes de estatuto social*” (2017, p. 172).

Trazendo a abordagem da sexualidade, o sociólogo entende que a sensualidade da mulher, por exemplo, já não é algo mais natural ou espontâneo, mas sim premeditado, decorrente de uma pré significação sexual que lhe é dada. Isso porque esse novo olhar despertado para o corpo passa, antes de mais nada, pelos objetos, que pelo consumo pretendem trazer o ideal de liberdade e satisfação, quando na verdade o único estímulo liberto parece ser o de compra (BAUDRILLARD, 2017, p. 177).

Assim, a redescoberta do corpo por meio da promoção da beleza, tomada pelas mídias, reproduz a ideologia da alienação circular. Busca-se institutos de beleza

porque esperam, a partir deste, reaproximar-se de seu corpo e, de outro modo, ao reconhecer em si a sensibilidade e o afeto por seu corpo, recorrem a estes mesmos institutos (BAUDRILLARD, 2017).

Na brilhante passagem de Baudrillard (2017), o autor faz uma analogia da racionalidade do corpo à da força de trabalho:

Com o corpo acontece a mesma coisa que com a força de trabalho. Importa que seja <<libertado e emancipado>> de modo a ser racionalmente explorado para fins produtivistas. [...] é preciso que o indivíduo consiga redescobrir o próprio corpo e reinvesti-lo narcisisticamente *princípio formal de prazer* – a fim de a força do desejo se poder transformar em procura de objetos/signos manipuláveis racionalmente. (BAUDRILLARD, 2017, p. 178).

Sendo assim, diante dos novos contornos sociais que se estabeleceram indissociáveis à utilização de ferramentas tecnológicas da informação e da comunicação, o estudo sociológico desse fenômeno que se tornou global, precisou se reinventar, de modo a – ao menos tentar – acompanhar a dinâmica permanente das modernas relações fluidas que transitam não só entre pessoas, mas também entre objetos (BÜSCHER; URRY; WITCHGER, 2010, p. 02).

À vista disso, é manifesta a importância das análises realizadas pelo sociólogo John Urry, que contribuiu grandemente para a compreensão dessas relações que surgiram precipuamente em nosso século. Para ele, o estudo do mundo globalizado está intrinsecamente relacionado com o paradigma da (i)mobilidade geográfica e social.

A partir dessa ideia, tem-se que os fluxos móveis sociais e globais, ou seja, que estão sempre em movimento e são mediados pela tecnologia, ocorrem não só pela circulação energética de pessoas e bens, mas também de mercadorias e de ideias. Dessa forma, essa mudança gerada na visão social reorganiza e modifica o convívio das pessoas e as suas relações com o tempo, o espaço, o ambiente que os cerca e, inclusive, com outras pessoas (BUSCHER; URRY; WITCHGER, 2010, p. 14).

Por outro lado, porém, é preciso levar em consideração que apesar deste avanço de ferramentas virtuais ser algo que trouxe inúmeras facilidades e contribuições positivas, esse mundo em movimento que ultrapassa as fronteiras territoriais, pode gerar riscos inesperados e imensuráveis, de toda e qualquer natureza, e que, neste contexto, não

discrimina classes sociais e econômicas. Todos estão sujeitos às suas possíveis consequências.

Por fim, não se pode deixar de reconhecer que neste quadro de possíveis riscos e vulnerabilidades, a discussão de gênero também merece espaço, caracterizando-se como componente essencial das interações sociais que se fundamentam nas distinções compreendidas entre os sexos, sendo também primordial na formação do conteúdo das relações de poder estabelecidas (SCOTT, 1995).

Assim, o gênero é entendido como categoria social que se impõe aos corpos, enquanto as atribuições que se colocam para os homens e as mulheres são determinados por meio de uma produção social. À vista dessa análise entre as relações que se estabeleceram entre ambos os gêneros, teorias feministas consideram que estes desigualem-se e captam a interação de subordinação e dominação de forma a firmar um sentido social do sexo.

A lógica feminista pretende, portanto, diante dessas premissas, que seja posto fim a contínua batalha do oferecimento desequilibrado de oportunidades entre os sujeitos para que passe a haver o exercício igualitário e antiarbitrário de poder entre os gêneros.

2 OS AVANÇOS TECNOLÓGICOS E O SEU IMPACTO NA SOCIEDADE

Como visto, foi posteriormente à II Grande Guerra que o consumo ganhou novos contornos. Isso porque ele passou a dominar e a reger totalmente a própria sociedade, consagrando o consumidor como ator primordial no cenário do consumo em massa, de modo que orchestra-se uma conjuntura em que o privado torna-se crescentemente mais particularizado e autônomo (CUNHA, 2014, p. 62).

O hedonismo e o consumo desenfreado marcam as sociedades contemporâneas e é a partir deste último que o sujeito se individualiza. Cria-se a realidade através daquilo que se vê nos comerciais e nas propagandas, como se estas representações mediadas e divulgadas fossem apenas um reflexo do que é a prática, quando na verdade o que se estabelece por intermédio dos meios de comunicação em massa é um sistema de controle social que impõe a ideologia do consumo (CUNHA, 2014).

Em nosso século, como nunca antes visto, as relações sociais entre as pessoas baseiam-se na intermediação de imagens. A objetivação da realidade se exterioriza através do espetáculo, legitimando-o. Isto é, entende-se que é realidade aquela emanada pelo espetáculo e por isso o espetáculo é considerado a realidade (DEBORD, 2017, p. 38 e 39).

Vê-se, assim, que na dinamicidade do nosso século, devido ao advento dos equipamentos tecnológicos que assumiram proporções incontroláveis, os processos de mundialização ocorrem não apenas pelas vontades humanas individuais, mas igualmente pelos sistemas “inumanos”, movidos fortemente, mas não somente, pela inteligência artificial.

Este é o entendimento firmado pelos sociólogos Büscher, Urry e Witchger (2010) ao reunirem análises de diversos pesquisadores que se utilizaram de “métodos móveis” para a compreensão dos novos modelos de organização social ingleses e que se assemelham aos nossos.

Este termo refere-se à necessidade de se observar a singular existência moderna por meio da utilização de ferramentas de estudos que acompanhem o permanente movimento de pessoas, conhecimentos, bens e imagens. A dinamicidade tornou-se inseparável da sociedade atual (URRY; SHELLER, 2006).

Em uma pesquisa, Julia Gillen e Nigel Hall se utilizaram do uso do cartão postal no Reino Unido para demonstrar a mudança evolutiva que ocorreu no século XX. Neste estudo, os pesquisadores elucidam que os cartões postais passaram a ser usados como são hoje utilizados os celulares, isto é, como forma de comunicação contínua, principalmente nos países da União Europeia (BÜSCHER; URRY; WITCHGER, 2010, p. 28).

Verifica-se, porém, que o emprego do cartão postal não foi bem aceito desde o seu início, recebendo diversas críticas da população, entendido como um meio que destruía completamente a língua inglesa. De forma comparativa, esses julgamentos também foram feitos à inovação da escrita quando do surgimento e da implementação dos meios tecnológicos de comunicação, como os e-mails (BÜSCHER; URRY; WITCHGER, 2010, p. 31).

Gillen e Hall evidenciaram que, dentre as críticas realizadas ao cartão, encontrava-se a de que esse meio interativo não conseguia corresponder aos sentimentos e às sensações que verdadeiramente se pretendia passar, enquanto outra crítica ocupou-se em reprovar as relações de amizade que poderiam se enfraquecer devido a rapidez e a forma sucinta com que esses cartões eram escritos (BÜSCHER; URRY; WITCHGER, 2010, p. 31).

Ademais, os cartões também foram vistos como uma afronta à intimidade, motivo pelo qual àqueles que passaram a se utilizar dessa ferramenta criaram diversas formas de estilo de escrita e letras para que suas mensagens e suas identidades não pudessem ser lidas e reconhecidas (BÜSCHER; URRY; WITCHGER, 2010, p. 32).

Importante ressaltar, ainda, que apesar de encontrarmos semelhanças e comparações entre a inovação do cartão postal à época e os meios digitais de comunicação contemporâneos, é notória a diferença existente entre ambos, se

analisados pela perspectiva da rapidez e da eficiência com que as informações são enviadas de um local a outro (BÜSCHER; URRY; WITCHGER, 2010, p. 33).

Assim, na visão de Ronaldo F. Moreira Júnior (no prelo), a facilidade e a alta velocidade de disseminação de mensagens e notícias modificou a própria organização social da vida, independente da classe social ou econômica, já que tais inovações modificaram radicalmente os costumes presentes à época em que o diálogo dependia do envio da mensagem por uma pessoa física à outra.

A estudiosa Jennie G. Molz analisa, a partir de viagens realizadas à lazer por diferentes pessoas e grupos ao longo dos anos, as relações existentes entre o constante movimento de bens, fatos e pessoas, ou seja, as mobilidades atuais, as tecnologias e os saberes (BÜSCHER; URRY; WITCHGER, 2010, p. 88).

Esse estudo foi motivado pela observação de que, cada vez com mais constância, jovens mochileiros, famílias, aposentados e outros viajantes estão se utilizando de equipamentos tecnológicos móveis, como celulares, computadores e media players portáteis para programarem o roteiro, interagir e compartilhar com outras pessoas que também estão conectadas à rede, os seus passeios e suas experiências em cada local, repassando informações que acabam sendo úteis para inúmeras outras pessoas que pretendem fazer programas semelhantes (BÜSCHER; URRY; WITCHGER, 2010, p. 88).

Molz analisou o desenvolvimento do vínculo entre a mobilidade e o conhecimento nos últimos séculos, empregando, para isso, a ótica da conectividade, da colaboração e do algoritmo de busca da internet para compreender a criação e o reconhecimento do conhecimento que é realizado pelos viajantes que interagem no meio virtual (BÜSCHER; URRY; WITCHGER, 2010, p. 89).

Essa relação que se formou entre mobilidades e conhecimento, no cenário das interações entre os viajantes, favoreceu uma trajetória para o conhecimento que se faz por um percurso consigo mesmo, algo que é solitário (BÜSCHER; URRY; WITCHGER, 2010, p. 90).

Ao tratar o tema, Molz se utiliza dos ensinamentos de Adler, que entende que a realização de viagens, ao longo dos anos, está relacionada com formas de ver e perceber o mundo, resultando no que chama de “individualismo epistemológico”. Isto é, entendeu-se que as práticas dos turistas significavam a construção de um conhecimento direto, pela própria pessoa, devendo esta observar e formar a sua própria visão de mundo (BÜSCHER; URRY; WITCHGER, 2010, p. 90).

Ao final do século XVIII, a visão do turista passou a se modificar, tornando-se preocupada mais com as aparências das coisas do que com a observação científica. A percepção de Adler, segundo Molz, é a de que, neste período, aqueles que programavam viagens realçavam questões pessoais, sobrenaturais ou imateriais e sentimentais do olhar, alterando a noção de viagem como uma ocupação mais íntima e reservada (BÜSCHER; URRY; WITCHGER, 2010, p. 90).

Ao contrário desta noção de viagem solitária, porém, Molz elucida o surgimento de uma racionalidade atual que é, na verdade, comunicativa e colaborativa nas viagens participativas. Em sua pesquisa, a autora notou que, por mais que diversas pessoas tenham interesse em viajar desacompanhadas e para longe, estas mesmas pessoas mantêm-se diariamente conectadas com outras pessoas e com informações por meio dos aparelhos móveis de comunicação, enquanto transitam de um lugar a outro (BÜSCHER; URRY; WITCHGER, 2010, p. 90).

Desse modo, nota-se uma interação entre os itinerantes, diferente daquela proposta por estudiosos que entenderam haver uma lógica solitária de viagem, já que ainda que corporalmente os viajantes estejam transitando por diferentes regiões do globo, estes estão também se movimentando por meio de interações através da tecnologia digital, como redes sociais, blogs de viagem, sites de bate papo e aplicativos (BÜSCHER; URRY; WITCHGER, 2010, p. 92).

Assim, o pilar da construção de aprendizados deu-se pela conexão permanente e em tempo real dos indivíduos que se utilizam dessa conexão como meio para a construção de uma significação para as suas interações e a sua participação em redes digitais (BÜSCHER; URRY; WITCHGER, 2010, p. 92).

Essa interação que se estabelece entre os viajantes pelo compartilhamento de diversas experiências e conhecimento, forma o que os autores Bach e Stark (2004, p. 103) denominam de “comunidades de conhecimento incipientes”. Eles entendem que o uso das tecnologias modernas de certo modo modifica o convívio e reformula os processos de produção do conhecimento, indo além de um instrumento por meio do qual a atividade pode ser feita de forma mais veloz ou eficaz.

Assim, no entendimento de Molz, o conteúdo que é produzido por meio de plataformas digitais é elaborado, utilizado e discutido de forma colaborativa e por diversos viajantes, uma vez que seus usuários podem se utilizar desse universo tecnológico para partilhar ideias, vivências, pedir informações, dicas e tirar dúvidas de inquietações que possuem com pessoas que se encontram em diferentes regiões do mundo (BÜSCHER; URRY; WITCHGER, 2010, p. 95).

Ao tornar factível e disponível uma ferramenta de busca na internet capaz de esquematizar e reproduzir os ambientes existentes no mundo, esforços conjuntos, como os blogs, sites de pesquisa e bate-papo (re)criam o universo como algo possível de ser explorado e como fonte de conhecimento (BÜSCHER; URRY; WITCHGER, 2010, p. 96).

A partir disso, Molz interpreta que a elaboração de conhecimento não centra-se somente na contribuição comunitária que reúne pesquisas e informes, pois além disso existe o importante sistema de busca que baseia-se em algoritmos. Esse sistema permite que todos os milhares de materiais que circulam na internet possam ser selecionados, arquivados e operacionalizados, de modo que críticos passaram a dizer que houve o surgimento de um novo paradigma na formação do conhecimento (BÜSCHER; URRY; WITCHGER, 2010, p. 96).

Uma dúvida que se manifesta para Molz, porém, é como essa ferramenta de busca que (re)cria o universo pode ser compatível com a interação que se faz presente entre os viajantes pelo seu uso e como eles dão sentido à sua visão de mundo por meio dessa ferramenta (BÜSCHER; URRY; WITCHGER, 2010, p. 97 e 98).

Diante disso, a pesquisadora e escritora propõe três possíveis formas para entender esse questionamento: a primeira delas traz o enfoque de uma pretensão universal, que seria a de que os viajantes que interagem nas redes partem do pressuposto de que dividir conhecimento não é somente uma oportunidade para ter acesso ou partilhar mensagens sobre viagens, mas inclusive como um meio de se estruturarem como uma união coletiva de “conhecimento móvel” (BÜSCHER; URRY; WITCHGER, 2010, p. 98).

Na segunda proposta, por sua vez, a busca tem como foco o saber individualizado com base nos cenários sociais. Assim, algoritmos de pesquisa voltam-se crescentemente para a identificação do explorador, ou seja, reconhecer o perfil de pesquisa que ele possui (BÜSCHER; URRY; WITCHGER, 2010, p. 98).

Por fim, sobre a forma como viajantes conectados ampliam o horizonte da pesquisa online para a realidade corpórea, os autores Brewer e Dourish (2008) observaram que diferentes estudiosos alegam que a inteligência de redes móveis não opera somente no campo virtual, mas efetivamente organiza esse campo, transformando-o em um espaço a ser consultado, compreendido, utilizado e cognoscível.

Observa-se, assim, que a dinamicidade do mundo tecnológico e informatizado fez com que a sensação de tempo e espaço não pudessem mais serem percebidos do mesmo modo que antes. Tecnologias estas que não foram produzidas exclusivamente pelas interações humanas, mas também pelos sistemas computacionais tecnológicos e pelo intenso fluxo global de objetos, informações, serviços e imagens.

Nesta toada, ao inserir a discussão da diferença de gênero binária dentro da conjuntura móvel e fluida das relações intermediadas pelas tecnologias, e levando-se em consideração que as representações sociais a respeito de homens e mulheres são o produto de concepções sociais e simbólicas, faz-se importante observar, utilizando-se da prática da violência como exemplo, como determinados recursos são empregados para que os indivíduos curvem-se e acomodem-se às suas atribuições de gênero preestabelecidas.

Frente a percepção da perigosa conexão existente entre a violência e a distinção entre os gêneros estabelecida socialmente, a análise desta inter-relação passou a também ser âmbito de estudos do feminismo estadunidense nos anos 70 e 80, quando a ocorrência de violência sexual contra o sexo feminino tornou-se objeto de pleitos e exigências e, mais tarde, objeto de estudo pertencente ao campo sociológico (BANDEIRA, 2014, p. 450).

Apoiada nesta perspectiva, as ações feministas procuraram evidenciar e expor, publicamente, a agressão cometida às mulheres, assumindo-a como uma complicação que permeia toda a coletividade. Batalha esta que alcançou proteção legal e a criação de programas de tutela pelo Estado a esse grupo (SAFFIOTTI, 1995).

No estudo da violência de gênero vê-se que sua ocorrência é oriunda de um arranjo social que defende a prevalência daquilo que é masculino (SAFIOTTI, 2011, p. 81) e que é reforçada pela conjuntura hierárquica e desequilibrada que se instaurou entre os homens e as mulheres. Conjuntura esta que contém amparo social para que o público masculino opere o seu poder sobre o feminino (SAFFIOTTI, 1995, p. 203 e 204).

3 A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO MEIO DIGITAL: ANÁLISE DE CASO CONCRETO

Como abordado nos capítulos anteriores, parece recair sobre a mulher a obrigação de conviver com a sua “predestinação” à subordinação, isto é, devem aprender a conviver com as inúmeras violências e constrangimentos que provavelmente virão a sofrer por comportamentos masculinos.

Referindo-se às relações afetivo-sexuais, àquelas que ocorrem entre os pares que mantêm ou já mantiveram um relacionamento, os homens, ao notarem alguma modificação no comportamento das atribuições preestabelecidas ao público feminino, fazem uso da agressão como uma maneira de tentar preservar seu domínio sobre a sua parceira (CORTEZ; SOUZA, 2008, p. 18).

Isso também se deve ao fato de que o público masculino não sabe lidar com a falta de poder e controle, uma vez que aprenderam a associar-se à valentia. Por isso, as ações femininas de alteração de atribuições que lhe foram impostas tanto perturba e impulsiona atitudes agressivas dos homens (SAFFIOTI, 1995).

Nesse quadro, as mulheres acabam não adquirindo força política satisfatória capaz de idoneamente decidir sobre questões de atuação pública de um corpo social que anseia a elaboração de direitos e garantias. Assim sendo, a agressão se faz presente justamente pela falta de autoridade daquele que é controlado na relação entre homens e mulheres, qual seja, as mulheres (OLIVEIRA, 2012, p. 23).

O que o movimento feminista primordialmente almeja é que haja a reestruturação do vínculo de força que se estabeleceu até os dias atuais. Entretanto, o que se verifica, é que ainda que tenha havido progressos de proteção na legislação penal pátria em relação à violência que ocorre no âmbito afetivo e, ainda, a criação de programas de proteção do Estado às mulheres e à positivação de seus direitos, o Brasil ainda enfrenta numerosos casos de agressão a esse público, o qual ocorre, inclusive, no espaço público digital.

Para que seja melhor compreendida a situação enfrentada por inúmeras mulheres que se encontram no meio tecnológico e fazem uso da rede mundial de computadores, utilizando-se de sites interativos, redes sociais, entre outros, abordar-se-á um caso recente que ocorreu no Estado do Espírito Santo e que foi divulgado na internet por diferentes páginas de notícia.

Na página virtual do jornal Gazeta Online, conta-se a história, que ocorreu em setembro de 2017, de uma universitária de 31 anos, moradora do Município de Vila Velha, que denunciou seu ex companheiro por ter divulgado suas fotos íntimas e ter-lhe feito ameaças e xingamentos por meio da rede digital.

Segundo a reportagem, o homem, de 47 anos e professor de Educação Física, não admitiu que o relacionamento terminasse. De acordo com a vítima, a perseguição e o medo começaram a partir do término da relação, quando passou a receber diversas ameaças e intimidações por meio de postagens nas redes sociais da internet.

Ao descobrir que sua ex parceira encontrava-se em outra relação afetiva, as publicações pioraram: passaram a trazer até mesmo ameaças de violência e de morte e também insinuações de que faria a postagem de fotos íntimas que havia recebido da estudante. O agressor, ainda, alegou ser credor de valores referentes a presentes que havia dado a sua companheira enquanto namoravam e durante o período que tentou se reconciliar com a vítima.

Uma das postagens dizia: “Suas fotos estão bombando no WhatsApp, nao estou brincando, por enquanto esta so no watts, se nao me dera grana de volta até meio dia de hoje, vou jogar na internet, depois vou mandar imprimir alguns cartazes e colar nos postes da barra do jucu, VC nao me conhece, devolva minha grana numa boa, e tudo vai ficar bem”.

A família do ofensor se defendeu alegando que o mesmo sofre de bipolaridade, mas, ainda assim, o medo e a opressão tomaram conta dos sentimentos da estudante ameaçada. De acordo com a notícia, a vítima não conseguia mais dormir e não saía mais de casa, devido ao medo das intimidações que estava sofrendo.

A mulher agredida, que disse nem mesmo conseguir estudar, denunciou o rapaz na Delegacia Especializada da Mulher de Plantão (PEM) revelando sofrer agressões virtuais de ameaças e por ter sido publicado, por seu ex companheiro, suas fotos íntimas em redes sociais.

No site do G1 (globo.com), a vítima, ao dar uma entrevista de vídeo ao jornal, diz que até mesmo seu número foi divulgado na internet e que realmente acredita na possibilidade do agressor vir a efetivamente cometer os atos que prometeu realizar, motivo pelo qual decidiu fazer a denúncia na delegacia, em Vitória/ES, e solicitar uma medida protetiva à Justiça.

Na reportagem veiculada pela página digital da Tribuna Online, informa-se que a publicação das fotos da estudante se deu pelo uso da rede social Facebook e em grupos do aplicativo WhatsApp e que as ameaças e os xingamentos cometidos se deram também pelo uso de mensagens via aparelho celular.

Diante da dinamicidade e da rapidez de acesso à informação e de sua distribuição, é possível verificar a importância e a necessidade a que se referia Urry e Sheller (2006), de se analisar a nova realidade por meio de métodos de pesquisas que sejam capazes de acompanhar a incessante movimentação de pessoas, bens e, como vê-se no caso em questão, de imagens e mensagens.

Nota-se que, ainda que os internautas estejam fisicamente transitando em diferentes locais do mundo, eles circulam, simultaneamente e constantemente, pelas plataformas digitais por meio das interações que realizam, como as que ocorrem nas mídias sociais Facebook, Instagram, WhatsApp (BÜSCHER; URRY; WITCHGER, 2010).

No testemunho da vítima à reportagem, disse ainda que não esperava que seu ex namorado tivesse tal comportamento, já que, no início do relacionamento, mostrava-se a “pessoa perfeita” e que somente depois de alguns meses é que passou a notar condutas rudes e de pavio curto até que, posteriormente, passou a insultá-la e a sofrer agressões físicas e psicológicas.

Segundo o site do jornal A Tribuna, a vítima também faria uma denúncia na Delegacia de Repressão aos Crimes Eletrônicos na tentativa de que as imagens expostas fossem removidas das redes.

Ainda mais preocupante foi a sua resposta ao jornal quando questionada sobre o motivo de não ter terminado o relacionamento antes: “Fiquei doente, por isso não saí do relacionamento, porque não tinha forças. Ele me dominou. Fui totalmente dominada por ele. Eu o levei ao psiquiatra para ele fazer um tratamento para controlar o emocional dele e os ciúmes. Ele não é doido”.

Além disso, ao final, quando indagada a respeito de se sentir amedrontada, a vítima respondeu que não conseguia comer e dormir há dias e que o ex companheiro alegou que, caso fosse preso, nada lhe aconteceria e que ficaria em cela especial porque possui ensino superior.

Diante deste caso, vê-se claramente a vulnerabilidade que, especialmente a mulher, é exposta pelo uso das tecnologias informacionais globais do mundo moderno. Utilizando-se do entendimento de Roberta M. Duran Flach e Suely Ferreira Deslandes (2017), o caso em tela enquadra-se no fenômeno do “abuso digital nas relações afetivo-sexuais”.

Segundo as autoras, há que se fazer uma diferenciação entre o abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais e o cyberbullying, ainda que ambos estejam no contexto virtual. O primeiro abrange os casos de companheiros ou ex companheiros amorosos e não envolve, obrigatoriamente, a necessidade de se ter uma audiência. O segundo, por sua vez, compreende relações entre colegas e, em sua grande maioria, busca a presença de um auditório, optando-se, para isso, pelo uso das tecnologias digitais (FLACH; DESLANDES, 2017).

A prática da pornografia de vingança, conhecida também como *revenge porn*, acontece em maior escala quando põe-se fim à relação amorosa. Essa prática caracteriza-se pela publicação, nas mídias digitais, de diálogos, fotos e/ou vídeos nus ou que contenham conteúdo erótico, sem a autorização de uma das partes, produzidos enquanto mantinham um envolvimento afetivo. Tal compartilhamento é

tido como uma forma de abuso digital e é exposto com a finalidade de maldizer, ridicularizar, ameaçar e/ou punir o(a) agredido(a) (FLACH; DESLANDES, 2017).

Isso porque, no entendimento de Flach e Deslandes (2017), esse abuso se dá, especialmente, entre companheiros ou ex companheiros afetivo-sexuais, importando em relacionamentos de privacidade e de confiabilidade, diferente daquela compreendida entre colegas.

De outro modo, Guilherme Welter Wendt e Carolina Saraiva de Macedo Lisboa (2013) diferenciam, nas relações entre crianças e adolescentes, o cyberbullying do bullying face a face. O cyberbullying é identificado como uma categoria mais ampla do que o bullying por estar inserido no meio digital, sendo capaz de alcançar lugares impensáveis e inúmeras pessoas. Os ofensores, portanto, valem-se do anonimato permitido pelas redes para praticarem os insultos, o que torna ainda mais difícil a sua identificação.

O bullying, por outro lado, é frequente entre os jovens nas escolas e ocorre em um espaço fisicamente determinado e mensurável, no qual os agressores utilizam-se de violência física e/ou verbal para ofender a vítima e podem ser facilmente reconhecidos (WENDT; LISBOA, 2013).

Para Castells (2003), as relações sociais atuais foram drasticamente remodeladas com o início das relações interativas comunicacionais por meio do uso de tecnologias virtuais, que propiciou inovados campos para o câmbio de bens, produtos, informações e até mesmo para vínculos sexuais e de relacionamentos amorosos.

Importa ainda ressaltar, como evidenciado por Baudrillard (2017), que essas transformações no modo de se relacionar e interagir, em que tudo parece ter a necessidade de ser exibido e partilhado nas redes, tornou a existência algo fabricado pelos indivíduos, de modo que esses costumes criam uma (ir)realidade que se apresenta por meio do campo virtual.

Para Debord (2017, p. 38 e 39), a sociedade do espetáculo, sustentada pelo capitalismo, se apresentada exatamente pela promoção da espetacularização da vida,

recorrendo-se, para isso, à realidade forjada transmitida pelas imagens que circundam os indivíduos continuamente. Para o autor, é considerado realidade aquilo que é propagado pelo espetáculo e, conseqüentemente, o espetáculo é encarado como se realidade fosse.

Como visto, na contemporaneidade as relações transitam em um mundo globalizado de “hiperinformação”. Diferentes conteúdos podem ser instantaneamente divulgados e transmitidos para milhares de espaços virtuais do mundo todo, o que, sem dúvidas, facilitou, expandiu e transformou a intercomunicação entre as pessoas e o acesso à informação.

As redes tecnológicas digitais possibilitam não apenas o contato imediato, mas também proporcionam aos indivíduos uma dinâmica móvel, de modo que todos eles dispõem da livre e fácil possibilidade de se manifestar, criar e disseminar conteúdos, como no caso tratado, em que foram divulgadas fotos e enviadas mensagens por meio de redes sociais interativas (FLACH; DESLANDES, 2017).

No cotidiano, as pessoas acabam por se acostumar e ver com normalidade o costume de se publicar todo e qualquer tipo de conteúdo nas redes para um universo incalculável de observadores, informações estas que expõem relacionamentos afetivos, imagens e até vídeos íntimos (FLACH; DESLANDES, 2017).

Ainda que essa interação digital permita a “livre-expressão” de pensamentos e maneiras de viver, que permite associações representativas (ou não) de todo o tipo e que socializa o alcance a dados, pesquisas e ao conhecimento, esse costume também gera uma superexposição de individualidades e a “espetacularização das intimidades, com conseqüências inerentes à imagem pessoal e à privacidade” (FLACH; DESLANDES, 2017).

Debord (2017, p. 47) entende que os seres procuram constantemente e inconscientemente se satisfazer na representação das “imagens-objetos” divulgadas e é neste contexto de relações virtuais mediadas por imagens que se observa o abuso digital nos relacionamentos amorosos e que pode ocorrer, inclusive, entre indivíduos adultos (FLACH; DESLANDES, 2017).

Diferentemente do que houve no caso aludido neste capítulo, uma vez que o autor das agressões pôde ser mais facilmente identificado, nos estudos de Flach e Deslandes (2017) constatou-se que, com o uso das mídias digitais, pela rápida e ampla disseminação dos conteúdos, dificulta-se a identificação e a punição do agressor e também daqueles que repassam tal material, bem como prejudica a possibilidade de se impedir que o conteúdo permaneça sendo repassado a outras redes da internet, ainda que o fato tenha acontecido tempos atrás.

Por fim, cumpre salientar que a exposição de imagens íntimas do homem em redes de comunicação não tem a mesma conotação e a força vexatória que tem a exposição das mesmas imagens de uma mulher. Segundo Diana Oliver, isso ocorre devido aos estigmas e estereótipos que foram incorporados à mulher durante a história. Assim, essa exibição, quando direcionada ao público feminino (especialmente às adolescentes), agrava o processo de vitimização sofrido por elas.

Deste modo, vê-se um grande potencial para a ocorrência de graves consequências, principalmente às mulheres inseridas no contexto do abuso digital, que pelos inúmeros julgamentos, estereótipos e preconceitos que se veem obrigadas a enfrentar, acabam sendo capazes, inclusive, de retirarem a sua própria vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O amplo leque de ferramentas tecnológicas disponíveis no mercado e o seu enorme avanço, sem dúvida alguma foi fundamental para o desenvolvimento em todos os setores a nível mundial. Hoje o seu uso encontra-se presente em diversos momentos do cotidiano dos indivíduos e tomou proporções capazes de beneficiar toda uma sociedade, possibilitando realizar inúmeras tarefas de forma rápida, prática e eficiente.

Observa-se que, por meio do uso da rede integrada de computadores, é possível ter acesso a uma vasta rede de informações em tempo real, além de ser possível a troca e o cruzamento de dados a qualquer momento. Qualquer informação pode ser obtida instantaneamente e de qualquer parte do mundo, de modo que a sua visibilidade tornou-se incontável. Os indivíduos passaram a ter maior e fácil acesso à informação, como também podem participar dela diretamente, opinando e interagindo.

Assim, na dinamicidade do nosso século, devido ao advento dos equipamentos tecnológicos que assumiram proporções incontroláveis e das novas práticas de comunicabilidade e de sociabilidade, ocorreu um processo de reconfiguração social. Reconfiguração esta que envolve não apenas relações entre pessoas, mas também entre estas e as imagens, bens, produtos e informações.

Diante deste quadro, notório é a importância do papel que os meios de comunicação possuem na influência das ações dos indivíduos, especialmente os meios conhecidos como *mass media*: meios de comunicação de massa veiculados com o propósito de atingir milhares de pessoas e que propagam determinado padrão ideal em diferentes setores do mercado de consumo, como o da beleza, construídos em determinada sociedade e em certo contexto histórico.

Todavia, esse mundo em movimento que ultrapassa as fronteiras territoriais, apesar das inúmeras facilidades e da alta velocidade de disseminação de notícias, pode potencializar os riscos a serem enfrentados por todos.

Na presente pesquisa, entre tantos outros absurdos, mereceu destaque os alarmantes ataques a desafetos no meio digital. O abuso digital traz consequências desastrosas, afetando drasticamente a reputação e a credibilidade da vítima, atingindo sua integridade física, moral e psicológica, culminando até mesmo em suicídio.

Para demonstrar tal ocorrência, foi abrangido um caso ocorrido no Estado do Espírito Santo e divulgado na internet por diferentes páginas de notícia, a respeito da situação caótica e danosa enfrentada por inúmeras mulheres em relações afetivo-sexuais, que se veem refém de ameaças por meio do uso tecnológico da rede mundial de computadores, como sites interativos e redes sociais.

Por fim, notório é que tamanha facilidade e rapidez nas redes informacionais digitais deve exigir responsabilidade a altura, já que fica cada vez mais difícil controlar o compartilhamento, os excessos dos usuários dessa tecnologia, além de ser possível que se utilizem do anonimato, razão pela qual os crimes de internet estão cada vez mais rotineiros e já não se limitam à pessoas físicas.

REFERÊNCIAS

BACH, Jonathan; STARK, David. Link, Search, Interact: The Co-evolution of NGOs and Interactive Technology. **Theory, Culture & Society**, London, Thousand Oaks and New Delhi, v. 21 (3): 101-117. 2004. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/fcdc/55527a40d141d2ab4e416b5ba61599cd9478.pdf?_ga=2.149080497.662192539.1542585706-1539721169.1542585706>. Acesso em: 05 nov. 2018.

BANDEIRA, Lourdes Maria. Violência de gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. **Soc. estado.**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 449-469, ago. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922014000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 nov. 2018.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Reimp (Arte & comunicação), 2017.

BOURGUIGNON, Natalia. Universitária denuncia ex por divulgar fotos íntimas e fazer ameaças. **Gazeta Online**. Vila Velha, 08 set. 2017. Disponível em: <<https://www.gazetaonline.com.br/noticias/policia/2017/09/universitaria-denuncia-ex-por-divulgar-fotos-intimas-e-fazer-ameacas-1014098246.html>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

BREWER, J.; DOURISH, P. Storied Spaces: Cultural Accounts of Mobility, Technology, and Environmental Knowing. **International Journal of Human-Computer Studies**. California, Estados Unidos, 2008. Disponível em: <<https://www.dourish.com/publications/2008/storiedspaces-ijhcs.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

BUSCHER, Mônica; URRY, John; WITCHGER, Katian. **Mobile Methods**. 1. ed. Routledge, 2010.

CAETANO, Ana Paula et al. CYBERBULLYING: MOTIVOS DA AGRESSÃO NA PERSPETIVA DE JOVENS PORTUGUESES. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 38, n. 114, p. 1017-1034, Dec. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302017000401017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 jun. 2018.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=nCKFFmWOnNYC&oi=fnd&pg=PA5&ots=_DCQREw32N&sig=nuRkfXv8mRjVRUWkUwTzoViQSL0&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 05 nov. 2018.

CORTEZ, Mirian Béccheri; SOUZA, Lídio de. Mulheres (in)subordinadas: o empoderamento feminino e suas repercussões nas ocorrências de violência conjugal. **Psic.: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 171-180, jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722008000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 jun. 2018.

CUNHA, Maria João. **Corpo e Imagem na Sociedade de Consumo**. Lisboa: Clássica Editora, 2014.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2017.

FIGUEIREDO, Camila Detoni Sá de. **Adolescentes na sociedade do espetáculo e o Sexting: vulnerabilidade, alertas, desafios, caminhos a seguir**. 1. ed. Curitiba, PR: CRV, 2016.

FLACH, Roberta Matassoli Duran; DESLANDES, Suely Ferreira. Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 7, e00138516, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2017000702001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 27 maio 2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

JÚNIOR, Ronaldo Félix Moreira. **Fluxos e mobilidades**: o enfraquecimento das sociedades nacionais diante do “global” e a sociologia do século XXI na perspectiva de John Urry.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo. Atlas, 2003.

LIRA, Ariana Galhardi et al. Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 66, n. 3, p. 164-171, set. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0047-20852017000300164&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 jun. 2018.

NASCIMENTO, Christiane Moura; PROCHNO, Caio César Souza Camargo; SILVA, Luiz Carlos Avelino da. O corpo da mulher contemporânea em revista. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 385-404, ago. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922012000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 jun. 2018.

OLIVEIRA, Adriano Machado; MACHADO, Márcia. A ADOLESCÊNCIA E A ESPETACULARIZAÇÃO DA VIDA. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, p. 529-536, dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822015000300529&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 jun. 2018.

OLIVEIRA, Leone. Universitária é ameaçada pelo ex e tem fotos íntimas publicadas na internet. **A Tribuna**. 09 set. 2017. Disponível em: <<https://tribunaonline.com.br/ele-falou-que-vai-pagar-alguem-para-me-matar-diz-universitaria-que-teve-fotos-intimas-vazadas-pelo-ex>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

OLIVEIRA, Magali Gláucia Fávoro de. Usurpação estatal da autonomia da mulher e/ou efetivação do Direito Fundamental à Igualdade de gêneros? Um estudo bourdieusiano das modificações feitas à Lei Maria da Penha pela Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 4424. 2012. 131 f. Dissertação (Mestrado em Direito) – Programa de Pós-Graduação em Direitos e Garantias Fundamentais, Faculdade de Direito de Vitória, Vitória, 2012.

OLIVER, Diana. ‘Sexting’ entre adolescentes, uma prática que acontece cada vez mais cedo. **Portal El país**. 09 mar. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/09/actualidad/1520582602_813226.html>. Acesso em: 27 maio 2018.

RIBEIRO, Wesley. Três em cada 10 anos já sofreram violência nas escolas de Vitória. **Portal G1**. Vitória, ES. 22 mar. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/2016/03/tres-em-cada-10-alunos-ja-sofreram-violencia-nas-escolas-de-vitoria.html>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

SAFFIOTTI, Heleieth; ALMEIDA, Suely Souza de. **Violência de Gênero: Poder e impotência**. Rio de Janeiro. Revinter Ltda., 1995. Disponível em: <https://drive.google.com/open?id=1sxik9c_N4NC40wTLiY3xl1ENIcv8i0vG>. Acesso em: 05 nov. 2018.

SAFFIOTTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo. Graphium Editora, jan. 2011. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1741437/mod_resource/content/1/G%C3%AAnero%2C%20Patriarcado%2C%20Viol%C3%AAncia%20%20%28livro%20completo%29.pdf>. Acesso em: 07 out. 2018.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://ia601403.us.archive.org/9/items/scott_gender/scott_gender.pdf> Acesso em: 20 jun. 2018.

SHELLER, Mimi; URRY, John. The new mobilities paradigm. **Environment and Planning**. England, v. 38, p. 207-226, 2006. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/122109/mod_resource/content/1/The%20new%20mobilities%20paradigm%20Sheller%20-%20Urry.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2018.

SOUZA, Sidclay Bezerra; SIMÃO, Ana Margarida Veiga; CAETANO, Ana Paula. Cyberbullying: percepções acerca do fenômeno e das estratégias de enfrentamento. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 27, n. 3, p. 582-590, 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722014000300582&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 jun. 2018.

Universitária do ES é ameaçada de morte e tem fotos íntimas divulgadas pelo ex-namorado. **Portal G1**. 08 set. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espirito-santo/estv-2edicao/videos/t/edicoes/v/universitaria-do-es-e-ameacada-de-morte-e-tem-fotos-intimas-divulgadas-pelo-ex-namorado/6136204/>>. Acesso em: 05 nov. 2018.

WENDT, Guilherme Welter; LISBOA, Carolina Saraiva de Macedo. Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do cyberbullying. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 73-87, jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652013000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 jun. 2018.

WOLF, Naomi. ***The Beauty Myth: How images of beauty are used against women.*** New York. HarperCollins Publishers, 2002. Disponível em: <<http://www.alaalsayid.com/ebooks/The-Beauty-Myth-Naomi-Wolf.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2018.